

Veredas atemática Volume 18 nº 2 – 2014

Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro¹

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)²

RESUMO: Considerando a abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992), investigamos, neste artigo, a sistematicidade das preposições que complementam verbos de movimento (*caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*), na fala semi-espontânea do Português brasileiro – PB. O *corpus* é oriundo de gravações de interação face a face, constituído de inquéritos entre documentador e falante, os quais integram o Banco dos Dados *Iboruna* do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). Os resultados demonstram que a mudança semântica envolvida na gramaticalização das preposições, que complementam os verbos de movimento do PB, é geralmente uma extensão de significado muito regular.

Palavras-chave: preposições; verbos de movimento; português brasileiro.

Introdução

As preposições, no Português brasileiro (doravante PB) atual, desempenham, no nível sintático, diversas funções em uma oração, como, por exemplo: no acusativo, para indicar o

¹ Agradeço às sugestões e comentários dos Professores Marcelo Módolo (USP), Paulo Jeferson Pilar Araújo (USP) e Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP). A responsabilidade por possíveis problemas remanescentes é toda minha.

² Professor adjunto (linguística) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP). Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP-São José do Rio Preto). Vice-líder do Grupo de Pesquisa “Linguagem & Sociedade” (UERJ/FFP-CNPq) e membro (pesquisador) do Grupo de Pesquisa “Discurso & Gramática” (UFF).

complemento direto de um verbo de ação; no ablativo, modificando ou limitando o significado de verbo; no dativo, para indicar o complemento indireto do verbo; no genitivo, para indicar posse.

De um ponto de vista tradicional, não há divergência a respeito do *status* da preposição como unidade funcional que relaciona elementos na sentença. É sabido que a maioria das gramáticas tradicionais enfatiza a função relacional das preposições (por exemplo, ROCHA LIMA, 1980), além de suas propriedades de invariabilidade, em que “o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (consequente)” (CUNHA, 1980). No entanto, observa-se que o fato de serem consideradas unidades funcionais não implica que sejam desprovidas de valor semântico, pois privilegiar a forma de unidade linguística é “notável negligência de assuntos de conteúdo e de contexto” (SALOMÃO, 1990, p. 1).

Azevedo Filho (1966), Bechara (1983), Luft (1985) e Rocha Lima (1980) não assumem inteiramente que a preposição seja uma palavra invariável. Na perspectiva desses autores mais “tradicionais”, as preposições são tratadas exclusivamente em termos da sua função relacional, sem se atribuir propriamente um significado ou significados básicos a cada uma delas, o que os leva a fornecerem, unicamente, uma lista de preposições.

Já nas pesquisas baseadas em análises funcionais (NEVES, 2000, KEWITZ, 2007, ILARI et al, 2008, CASTILHO, 2010, entre outros), é evidente a polifuncionalidade atual que desempenham as preposições. Isso se deve, provavelmente, ao desenvolvimento histórico por que passaram as preposições desde o latim até o seu estabelecimento dentro de um paradigma no PB, em que passam a desempenhar diversas funções, originadas pelo processo de substituição das flexões de caso do latim e pelo uso mais frequente nas línguas românicas. Compartilhamos a visão de Poggio (2002, p. 93) ao afirmar que o desenvolvimento do uso da preposição “foi paralelo à redução da declinação, [...] o alargamento de usos das preposições teve seu início em relações concretas (de lugar, de tempo, de instrumento, de causa, de origem [...]) e os casos que as expressavam se enfraqueceram, chegando a desaparecer”. Esse fato atesta a ocorrência do processo de variação/mudança das preposições no PB e, como consequência, da gramaticalização.

Assim, em algumas situações, as preposições desempenham um papel puramente sintático; em outros contextos, podem satisfazer uma necessidade comunicativa e trazer o seu conteúdo semântico. Conceber que algumas preposições dependem mais do estatuto sintático ou semântico, e outras mais do contexto pragmático, é reafirmar a gradualidade da mudança linguística.

Tendo essas noções em mente, investigamos, neste artigo, a sistematicidade das preposições que complementam verbos de movimento na fala semi-espontânea do PB, considerando a abordagem conceptual proposta por Lehmann (1992), dos estudos tipológicos. Embasam esta investigação, portanto, postulados da Gramaticalização (HOPPER, 1991, HOPPER; TRAUGOTT, 1993, LEHMANN, 2002) e da Tipologia Linguística (LEHMANN, 1992).

O *corpus* é oriundo de inquéritos entre documentador e falante, os quais integram o Banco dos Dados *Iboruna* do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista - GONÇALVES, 2007). Para a presente pesquisa utilizamos, amostras de fala, tecnicamente denominadas *Amostra Censo* ou *Amostra Comunidade* (AC), coletadas de acordo com os critérios da sociolinguística laboviana.

A primeira parte deste artigo é dedicada a apresentar a concepção de Lehmann (1992) para o tratamento das adposições. Na segunda parte, analisamos a sistematicidade das

preposições que complementam verbos de movimento no PB e, na terceira parte, propomos um quadro conceptual para os usos dessas preposições. Seguem essa análise, as nossas considerações finais.

1. Os estudos de cunho cognitivista: duas visões complementares

De forma geral, no escopo dos estudos de cunho cognitivista, é possível destacar duas propostas: a primeira, que propõe um modelo de interpretação a partir de esquemas cognitivos espaciais (LANGACKER, 2000; TALMY, 2000, entre outros), em que as preposições expressam as relações entre a percepção humana e o espaço físico que está à sua volta; a segunda, que infere o significado básico das preposições a partir de resíduos linguísticos reconhecidos através da sua trajetória de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, POTTIER, 1962, entre outros). Consideramos essas duas propostas complementares, pois ambas traçam o percurso de item, cuja origem é um ponto inicial de estatuto físico que evolui para um outro de estatuto abstrato. Com isso, podemos propor o seguinte esquema para as preposições:

- (i) as preposições exprimem uma relação local (espaço) entre o objeto localizado e o objeto de referência, e representam, dessa forma, uma função espacial. As demais interpretações são derivadas dessa primeira, por meio de processos cognitivos como metáforas, metonímias ou processos relacionais. Assim, as preposições possuem um esquema interpretativo que tem uma base físico-espacial;
- (ii) as preposições possuem um significado básico, mais específico, e os demais significados derivados são um conjunto de interseções de todos os sentidos que se atualizam no discurso.

Estamos elaborando este pensamento, primeiramente, fundamentados no uso do latim vulgar, em que a utilização das preposições se expande como unidades funcionais, que passam a “substituir”, em grande parte, a marcação de casos. A partir dessa mudança para as línguas românicas, no português, em questão, ocorre a abstração do valor semântico das preposições, que, mantêm, porém, sua função relacional e espacial. E por meio de processos metafóricos e/ou metonímicos, as preposições passam a exercer outras construções.

Para operar a visão proposta acima, consideramos a proposta de Lehmann (1992) para a análise das preposições, com base em um modelo conceptual, que apresentamos, na sequência.

1.1 Para uma visão conceptual das preposições

Lehmann (2002) observa que as classes de palavras menores, como as adposições e conjunções, não representam, necessariamente, um estatuto gramatical, mas que alguns membros serão mais gramaticais e outros mais lexicais. O autor acrescenta que nem todas as preposições complexas recém-criadas se tornam elemento gramatical automaticamente. Para ele, a construção original se lexicaliza, produzindo um novo item lexical, e este se gramaticaliza e passa a fazer parte do inventário gramatical.

Com isso, o autor (LEHMANN, 1992) apresenta uma análise conceptual para as preposições, que combina dois componentes de significados: um que designa uma certa região

espacial; e outro, o objeto de referência (em alguns exemplos, de proximidade, em outros, de interioridade).

Primeiramente, a sintaxe do PB não apresenta morfologia de casos, pois, com o desaparecimento dos casos e a ampliação dos significados das preposições, estas passam a desempenhar um papel importante na ordem da oração, além de cumprirem sua função relacional. Dessa forma, na codificação linguística de localizações espaciais ocorrem relatores locais ou termos responsáveis pela indicação de uma região espacial, representada pelas preposições, conforme evidenciamos neste artigo. O relator é caracterizado pela sua função de exprimir uma relação local entre um objeto localizado e um objeto de referência, este último também denominado “ponto de referência”³. Com verbos que exigem um objeto localizado que apresenta uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlativo) ocorrem as preposições. Segundo Lehmann (1992), o relator local é uma característica particular do idioma e exprime uma relação local entre o objeto localizado e o objeto de referência. Além disso, a valência⁴ semântica e sintática dos verbos desempenha um papel importante na seleção das preposições, e, diante disso, podemos estabelecer um quadro, que é baseado nos apontamentos de Lehmann (1992) para tal situação. Consideremos o exemplo abaixo, oferecido pelo autor:

(01) *Erna conduziu o convidado para trás do instituto.*⁵

Primeiramente, neste exemplo, há uma situação nuclear, definida por um verbo. Após os parâmetros da dinamicidade, a situação definida pelo núcleo e toda a dinamicidade são avaliadas em termos de ser *estática* ou *dinâmica* (LEHMANN, 1991), conforme quadro (1) que segue.

Dinamicidade	
Estático	Dinâmico

Quadro 1 - Parâmetros de dinamicidade (LEHMANN, 1992)

Conforme Lehmann (1992), a situação nuclear inclui um núcleo central e seus participantes, codificados, no caso mais simples, por um sintagma nominal, que pode ter várias funções, ativa ou passiva; na situação, em (01), é paciente o sintagma nominal “o convidado”. Sobre isso, o autor apresenta que a situação local é aquela que está conceitualmente ligada ao local, ou seja, aquela que está representada no espaço. Além disso, podem ocorrer participantes certificados pelo núcleo com diferentes papéis semânticos.⁶ No exemplo (01) anterior, *Erna* é agente, mas esse participante poderia ser negligenciado, por exemplo, em uma construção passiva. Um ponto de referência, como *do instituto*, em (01), é apenas mais um dos participantes certificados pelo núcleo (LEHMANN, 1992).

³ Resolvemos denominar ponto de referência em vez de locativo, baseados nos estudos funcionalistas de Lehmann (1992), Castilho (2010), dentre outros.

⁴ Uma visão bastante esclarecedora da valência é a de Dik (1997). No modelo proposto pelo autor, há as valências quantitativa e qualitativa. A valência quantitativa é o número de argumentos selecionado por um predicado. Já a valência qualitativa do predicado refere-se às funções semânticas ou às restrições de seleção, modificadas na formação da predicação.

⁵ O exemplo é uma tradução adaptada do original do autor: “Der Gast ist an der Rückseite des Instituts”.

⁶ Por exemplo, papéis de participante centrais e periféricos.

De acordo com Lehmann (1992), essa situação local, que se trata de um componente constitutivo conceitual, representa a relação que existe entre o local da situação, incluindo o núcleo central, seus participantes certificados e o objeto de referência.

Lehmann (1992) sugere o quadro (2) para mostrar as relações locais.

Dinamicidade			
Estático	Dinâmico		
Essivo	Locativa		
Orientação			
<i>Em</i>	<i>a /para</i>	<i>De</i>	<i>Por</i>
	Alativo	Ablativo	Perlatoivo

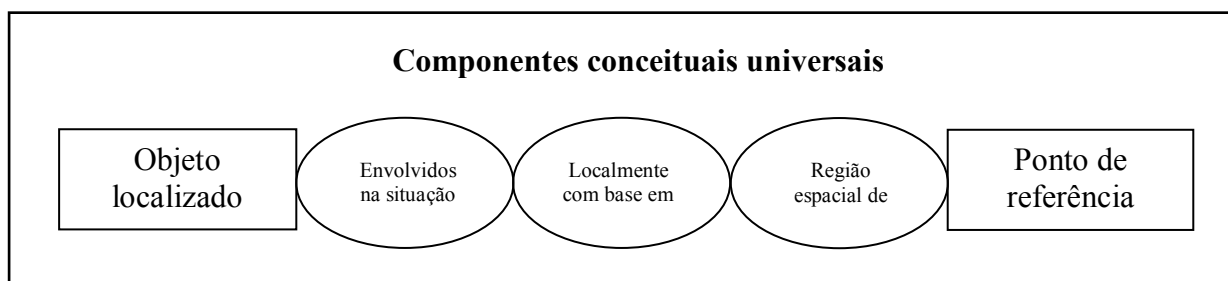
Quadro 2 - Relações locais (LEHMANN, 1992)

O espaço definido pelas propriedades espaciais de um objeto, mais notadamente o objeto de referência, e, como consequência, seu entorno imediato, é determinado pelas regiões topológica e dimensional conforme o quadro (3), proposto por Lehmann (1992).

Topológica	Vizinhança Contato Inerente/interior
Dimensional	Anterior/posterior Superior/inferior Esquerda/direita

Quadro 3 - Regiões espaciais (LEHMANN, 1992)

Segundo Lehmann (1992), os componentes conceituais que compõem uma situação local devem ser interpretados não de uma forma simples como relações sintagmáticas das línguas naturais. Esses componentes são de natureza semiótica, ou seja, não fazem parte de um sistema de signos específicos, e, para representá-los, o autor ilustra a seguinte situação existente em uma rede local de contatos, conforme esquema abaixo.



Fonte: Lehmann (1992, p. 4)

Considerando o cenário até aqui apresentado, em consonância com Lehmann (1992), fica claro que, na representação das relações locais, ocorrem relatores locais, no caso do Português, as preposições. Destarte, para representarmos as relações espaciais codificadas por preposições que complementam os verbos de movimento do PB, utilizamos, neste artigo, o aparato acima desenvolvido por Lehmann (1992).

2. Panorama de usos das preposições que complementam os verbos de movimento na fala do interior paulista

Como a sintaxe do PB não manifesta caso morfológico⁷, na execução linguística das situações locais, ocorrem os relatores locais. Assim, as regiões espaciais são expressas por preposições, e os verbos exigem que o objeto localizado tenha uma relação com o objeto de referência (*essivo, alativo, ablativo* ou *perlativo*).

Considerando a representação proposta por Lehmann (1992), primeiramente é necessário apresentar uma explicação para o uso da preposição *em* com verbos de movimento, já que esta veicula, em sua estrutura, a noção estática. Dessa forma, avaliando os apontamentos do autor, percebemos que uma preposição com o sentido estático, como a preposição *em* (conforme quadro 2), passa a ter caráter dinâmico em função do verbo que a seleciona, como os verbos de movimento, o que permite a sua seleção tanto para verbos dinâmicos ou estáticos.⁸ De acordo com Evans e Tyler (2005), há possibilidade de ambas as preposições (*para* e *em*) apresentarem configuração espacial similar: “duas preposições são intercambiáveis em contextos selecionados porque elas codificam configurações espaciais muito similares”⁹ (EVANS; TYLER, 2005, p. 32). Isso não difere do entendimento de Ilari et al. (2008) ou Castilho (2010), mas é necessário considerarmos a correlação entre o verbo e a preposição, e não somente da preposição, pois, como já apresentamos, a relação local é apenas mais um dos certificados de participação, neste caso, representado pelo relator, as preposições. Assim, a configuração semântica (estático e dinâmico) pode apontar para a possibilidade de uso entre duas ou mais preposições em construções locativas¹⁰, principalmente construções com a preposição *em* com verbos de movimento, consideradas como “erros” tanto pelos gramáticos tradicionais, ou como agramaticais, por pesquisadores de orientação formalista (FARIAS, 2006). Araújo (2009, p. 343-344) esclarece:

[...] mesmo que os falantes representem cognitivamente o espaço de forma diferente, há similaridade na forma como o falante faz a configuração de um ponto móvel [...], possibilitando assim um fenômeno variável com verbos de movimento, ao mesmo tempo também que a mesma similaridade permite alternância em construções locativas.

⁷ Aqui é necessário um esclarecimento: também considerados os casos do latim como relatores, pois funcionam na relação entre as entidades de uma sentença. Porém, aqui, tratamos somente das preposições que complementam os verbos de movimento em PB.

⁸ Araújo (2008) observa que o sentido dinâmico da preposição *em* atua no domínio estático, em sua prototipicidade, o que não impede o uso em configurações espaciais de “destino final de um movimento”.

⁹ Cf. original: “two prepositions are interchangeable in select contexts because they encode very similar spatial configurations”.

¹⁰ Poggio (2002, p. 189) atesta também a alternância das preposições “in” e “ad”, do latim, em contextos diretivos e locativos.

Após oferecermos nossa visão para o uso da preposição *em* com verbos de movimento, na sequência, apresentamos um panorama sincrônico do uso das preposições que introduzem complementos dos verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*, na fala de São José do Rio Preto, com o objetivo de verificar quais desses verbos admitem variação de preposição.

De início, procuramos determinar a frequência de uso de preposição que complementa os verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*, buscando avaliar, no *corpus* Iboruna, a produtividade das formas de modo a se ter um panorama de ocorrências segundo o verbo de movimento. Assim, delineamos a sistematicidade de uso dessas preposições, bem como demonstramos quais verbos apresentam algum padrão de variação na complementação locativa. Os resultados obtidos com a tabulação dos dados recolhidos são observados na tabela 1, abaixo.

Preposições Verbo	A		PARA		EM		POR		ATÉ		DE		TOTAL
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Caminhar	-	-	2	25	3	37,5	1	12,5	2	25	-	-	8
Chegar	7	2,35	2	0,675	276	93,25	-	-	2	0,675	9	3,05	296
Entrar	-	-	13	7,5	154	89,5	5	3	-	-	-	-	172
Ir	19	3,05	299	44,85	270	49,85	1	0,2	13	2,05	-	-	602
Levar	23	12,15	88	46,55	70	37	-	-	8	4,3	-	-	189
Mudar	-	-	24	100	-	-	-	-	-	-	-	-	24
Partir	-	-	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-	8
Sair	-	-	5	6,05	10	12,20	1	1,25	-	-	66	80,50	82
Voltar	5	6,10	57	68,70	13	15,65	-	-	-	-	8	9,55	83
TOTAL	54		498		796		8		25		83		1464

Tabela 1 - Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra *Iboruna*

Primeiramente para o **verbo partir** encontramos categoricamente o uso de preposição *para* em todos as ocorrências, com oito ocorrências. Dessas, apenas duas ocorrências estão acompanhadas de complemento preposicional, sendo: [*lugar*], em (2a), e [*lugar/evento*] em (2b), e as demais indicam usos mais abstratos do complemento locativo, conforme exemplo em (2c). Além desses usos, também encontramos usos do verbo sem preposição, porém acompanhado de advérbio, como (2d).

(2)

(a) *...fizemos uns desenhos diferenciados lá... e e agora vamo(s) **partí(r) pa cozinha** na minha cozinha eu num fiz...*

[AC-77; DE: L. 154]

(b) *...os noivos foram hospitalizados... na Santa Casa de Rio Preto... não puderam nem **partí(r) para a lua-de-mel...** ficaram ali... hospitalizados mas...*

[AC-113; NR: L. 90-91]

(c) *Inf.: tem que tê(r) uma... rivalidade sadia não uma.: rivalidade ignorante igual igual tá ten(d)o agora... eu acho que num.: precisa **partí(r) pra esse princípio** não de de violência dessas coisa não...*

[AC-131; RO: L. 257-259]

(d) *daí eu pegava ia lá vendia... entregava o dinhe(i)ro pra ele ele soltava a minha parte... e eu*

Apesar de poucos dados, esses resultados mostram que, na variedade rio-pretense, com o verbo *partir*, a preposição *para* é categórica e não apresenta nenhum contexto particularizado de uso. Além disso, conforme exemplo em (2c), quanto maior o processo de dessemantização de uma preposição, maior é a possibilidade da ocorrência de complementos locativos diversos. Assim, o verbo *partir* que pressupõe, na sua estrutura argumental, um ponto de referência “meta”, conforme (2a), passa a admitir outros tipos de complementos locativos mais abstratos, conforme (2b-c). Essa interpretação delinea o processo de especialização da forma *para*, e, com isso, seus significados passam a representar significados gramaticais mais gerais, motivando a generalização desse item e, portanto, o processo de gramaticalização, conforme demonstramos abaixo.

Estrutura morfossintática: SN_{sujeito} + SV_(partir) [(SN_{prcomplemento})]

(a) Estrutura semântica: Argumento + Predicado + Locativo_(meta-destino) (2a)

(b) Estrutura semântica: Argumento + Predicado + Locativo_(meta-evento) (2b)

(c) Estrutura semântica: Argumento + Predicado + Locativo_(meta-inespecífico) (2c)

Quadro 4 – Estrutura morfossintática do verbo *partir* e desenvolvimentos semânticos

Avaliando o esquema acima, temos em (a), a representação semântica de (2a), em que a preposição *para* atua como introdutora de complemento do verbo *partir*, e se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência, ou seja, indicação de “meta-destino”. Já em (b), a representação semântica de (2b), temos já um complemento com a significação de “meta-evento”, o que confirma os achados de Wiedemer (2008, 2013), em relação à configuração do locativo (ponto de referência), em que há uma tendência de condicionamento no padrão de uso de determinada preposição em função do tipo de complemento. Por fim, em (c), a representação semântica de (2c), o significado do complemento é bastante abstrato em relação a um ponto de referência ou locativo, denominado aqui de “inespecífico”, o que demonstra o “desbotamento semântico (*bleaching*)” dessa preposição, bem como dá margem a novos significados/ usos.

Retomando os achados de Berlinck (2000), os resultados acima confirmam os apontamentos da autora e reiteram que há uma tendência das preposições *para* e *em* serem mais usadas com nomes de traço [-animado]. É o que parece acontecer em (2c). Além disso, a autora constata que, no PB moderno, a preposição *em* é mais usada para indicar a “meta-localização” e o uso cada vez mais significativo de *para*, marcando a “meta-destino”.

Assim, os novos significados da preposição *para* atualizam novos complementos, e quanto mais abstratos os complementos, maior a possibilidade de ocorrência da preposição *para* na indicação do papel temático “meta”. Percebemos, assim, que o *princípio da divergência* de Hopper (1991) para as funções da preposição *para* dá sustentação aos nossos resultados, pois é essa a preposição empregada em complementos com função “meta”, “meta-evento” ou “meta-inespecífico”. Com isso, a forma *para* passa a ser a preferida pela comunidade de fala na indicação desses significados, além daquele que originalmente cumpria. Verificamos que este processo de dessemantização da preposição *para* ocorre com outros verbos, conforme destacaremos mais adiante.

Acreditamos que o aumento de frequência da preposição, e considerando a escala de gramaticalização (do mais concreto ao abstrato), está relacionado à expansão do sentido mais abstrato dessa preposição. Dessa forma, é esperado que ocorra mais o uso dessa preposição em contexto em que o movimento seja [-concreto] ou metafórico.

As ocorrências para o **verbo caminhar** somam apenas oito casos no total, porém, esse verbo apresenta um padrão mais diversificado de uso de preposições, com a utilização das preposições *até* (3a), *por* (3b), *para* (3c) e *em* (3d).

(3)

- (a) ...São Domingos deságua... no Tietê... do Tietê **caminha até...** o Rio Paraná...
[AC-146; NE: L. 38-39]
- (b) *porque lá a gente num caminha pelas calçadas... as calçadas são jardinadas...*
[AC-152; DE: L. 325]
- (c) .. *pra que não caminhem pro::... prum buraco sem fundo... como tá in(d)o...*
[AC-080; RO: L.276-277]
- (d) *às vezes eu vô(u) caminhá(r) na represa... aí eu dô(u) duas voltas lá... super animada né?...*
[AC-042; RP: L. 238-239]

Os usos da preposição *em*, indicadora de localização na superfície, sem entrar em questão o tipo de contato com a superfície, estabelecem uma relação semântica no interior do sintagma verbal. Dessa relação, podem ser depreendidas relações de circunstâncias que apontam para várias situações, entre elas, contato, conforme (3d). Isso atesta o caráter dessa preposição de indicar “lugar”, e não de “movimento”. Já em (3a), a preposição *até* funciona como “delimitadora de espaço físico, e indica os limites geográficos, podendo vir correlacionada com uma preposição indicativa do ponto de partida”, segundo sugere Lima-Hernandes (2010, p. 99), e parte de seu significado é formado pelo antigo sentido da preposição *a*, conforme Houaiss e Villar (2001) demonstram: *ad tenes* > *atêe* > *atees* > *atês* > *até*. Assim, temos: *ad* (proximidade) + *tēnūs* (locativo) > *até*, que retoma parte do significado da preposição *a*, o que justifica o uso dessa preposição no contexto (3a).

Os resultados para o **verbo levar** são bem mais expressivos em relação aos usos dos verbos *partir* e *caminhar*. As 189 ocorrências do verbo *levar*, distribuídas entre os empregos combinados com *a*, *até*, *para* e *em*, conforme (4a-d), demonstram que os processos de variação e de mudança não se restringem ao verbo *ir*, e que outros usos de verbos de movimento podem apresentar um quadro de variação de usos das preposições.

(4)

- (a) ...*éh:: conseguiram tirá(r) eles de lá entendeu? e levá(r)...* até a barranca...
[AC-141; NR: L. 51-52]
- (b) ...*ele estava com uma caixa de LÂmina... aqui da Faculdade de Medicina que ele levava pra São Paulo... final de semana.*
[AC-101; NR: L. 80-81]
- (c) *o meu cunhado num prédio prime(i)ro e foi... levá(r) minha cunhada em casa pa pegá(r) as mala...*
[AC-131; NR: L. 71-72]
- (d) *depois di::sso passa no granulado leva à gelade::(i)ra e espera ele gelá(r).*
[AC-044; RP: L-191-192]

Os resultados para o verbo *levar* confirmam os achados de Vieira (2009) e de Assis (2009), que também evidenciam o processo de variação no uso de preposições com esse

verbo. Assim como os demais verbos de movimento, *levar* ocorre com advérbios locativos, o que comprova seu caráter de substituição de ponto de referências por expressões locativas. Isso é exemplificado em (5a-b).

(5)

- (a) ...uma... jibóia... né?...e acho que eles precisaram **levá(r) ela lá** e depois ela morreu...
[AC-097; NR: L. 77]
- (b) *ficamo(s) toman(d)o até umas quatro quatro e po(u)quinho... pegamos... fomos embora... o I. foi me levá(r) **embora***
[AC-27; DE: L. 154]

Também é importante observar a estrutura sintática da construção [V (levar) SN Sprep (a/para/em) SN (complemento locativo/ponto de referência)], representada pelo exemplo em (6a), tipo estrutural bastante recorrente no *corpus* analisado.

(6)

- (a) *uma pessoa da família foi tentá(r) **levá(r) o cavalo... pro sítio... junto com o(u)tros...***
[AC-84; DE: L. 123-124]
- (b) *a gente foi criado sempre no serviço... os pais apertado e **levava pra trabalhá(r)...** e:... estudá(r) né? e ia na esco::la...*
[AC-140; RO: L. 372-373]

Na escala de desenvolvimento de gramaticalização da preposição *para*, seu conteúdo inova o significado e passa a se combinar com novos constituintes sintáticos, que não somente nomes, por exemplo, verbos infinitivos, como em (6b). Com isso, essa preposição passa a ter um domínio funcional mais abstrato, gerando a estrutura [SN V levar *para* (sujeito elíptico) Vinf.], conforme (6b). Podemos, ainda, realizar o seguinte raciocínio: com o desenvolvimento da estrutura de (6a) > (6b), ocorre um maior “desbotamento semântico”, nos moldes de Sweetser (1990), da preposição *para* com a finalidade de introduzir novos complementos, levando à generalização de seu significado com consequente restrição de seleção, já que não podemos substituir a preposição *para* por outra na complementação infinitiva.

Em relação aos usos do **verbo mudar**, todos (24 ocorrências) ocorrem com a preposição *para*. Este resultado deve-se, provavelmente, em função da restrição sintática disposta pelo verbo *mudar*, em que temos somente a seleção da preposição *para*. Além dos usos com essa preposição (7a) e (7b), também encontramos uso de advérbios locativos como complementos conforme (7c), todos com a preposição *para*.

(07)

- (a) *em algum lugar... até se **mudá(r) pra:: pra Rio Preto** você se lembra pode descrê...*
[AC-046; DE: L. 336-338]
- (b) *depois de um certo tempo meu irmão... **mudô(u) pra Cuiabá...** s o::u qualque...*
[AC-051; NE: L. 23-24]
- (c) *...ela não sabia que a sala tinha **mudado para outro bloco...***
[AC-088; DE: L. 153-154]

Quanto ao **verbo entrar**, com um total de 172 ocorrências, evidenciamos usos das preposições *para* e *em* conforme exemplos em (8a) e (8b). Em função da regência permitida por esse verbo, a preposição mais frequente é *em* (154/172=89,5%). São mais raras combinações do verbo com as preposições *para* (13 casos) e *por* (5 casos).

(08)

- (a) ... *soco um no o(u)tro lá aqueles negócio o professor entrô(u) na classe e viu falô(u) assim ou pode pará(r)*

[AC-014; NR: L. 131-132]

Segundo Neves (2000, p. 675-7), a preposição *em* estabelece relações semânticas no sintagma verbal (adjunto adverbial), ou seja, em uma estrutura formada por [verbo + preposição *em* + sintagma nominal]. De estruturas dessa natureza, podem ser depreendidas relações de circunstanciação que apontam para várias situações: “as diversas indicações locativas expressas por *em* + sintagma nominal podem referir-se não a um espaço real, mas a um espaço abstraído (em + sintagma nominal com substantivo abstrato)” (p. 676). Avaliando o uso da preposição *em* (08a), percebemos o significado “conteúdo/interioridade”, porém esse é o significado que está na base diacrônica do significado da preposição *em*. A autora (2000, p. 691) descreve a preposição *para* como introdutora de complemento verbal, que estabelece diversas relações, como movimento em direção a algum lugar, de inclinação, direção para algum lugar, entre outros. Com isso, para o verbo *entrar* evidenciamos, com esse resultado, um início de variação na indicação de complemento e uma maior generalização de uso da preposição *para*, conforme já mostrado para outros verbos.

Já a análise do **verbo sair**, avaliando o uso das preposições que complementam esse verbo, na indicação de movimento, encontramos uma maior recorrência de uso da preposição *de*, conforme ocorrência (9).

(09)

- ...*quando a minha mãe saiu do interior de Minas Gerais... pra trabalhar em...em São Paulo... ela não conhecia nada de aparelhos eletrônicos*

[AC-013; NR: L. 36-37]

A preposição *de*, se direta ou indiretamente como “indicação de fonte”, dado que tem origem etimológica reconhecida no léxico indo-europeu **do*, que significa, de alguma forma, “fonte/origem”. Mesmo os casos mais opacos, podem-se reconhecer esses sentidos via recursividade. Nos casos em que o conteúdo da preposição é esvaziado semanticamente, a preposição *de* é dependente da sintaxe. Considerando o estudo de Castilho (2010), o sentido base da preposição *de* é reconhecível quando ela implica na imagem do percurso, de deslocamento assinalado pelo sentido de base “ponto inicial/origem”.

Além dos usos da preposição *de*, encontramos usos das preposições *em*, *para* e *por*, conforme (10) abaixo.

(10)

- (a) ...*em Rio Preto assim a gente tá acostumado a... a saí(r) pra balada pra festa pra bar/ barzinho...*

[AC-046; DE: L. 287-288]

- (b)*ai entrava pela por/ eu entrava pela janela e saia pela porta... [Doc.: ham] ai eu fui/ ai eu....entrei... com ela... com a cachorra pesada pela janela...*

[AC-006; NE: L. 85-86]

- (c) ...o amigo dele chamô(u) pra saí(r) em/ em **Bálsamo** numa cavalgada lá que ia tê(r)...
[AC-112; NR: L. 120-121]
- (d) ...também porque nada mais justo do que ela saí(r) pra trabalhá(r) e eu ficá(r) em casa
[AC-036; NE: L.120-121]
- (e) meu pai saiu pa trabalhá(r) e ela... desapareceu... sumiu...
[AC-103; NR: L. 221-222]

Em (10a), temos um complemento do verbo *sair* com a significação de “meta-evento” introduzido por *para*. Nesse caso, a sintaxe da complementação aduz um ponto de origem representado pela preposição *de*, e um ponto final (meta), representado pela preposição *para*. Aqui, é importante destacar que não encontramos usos da preposição *a* relacionados à indicação de “ponto final/meta”, e, com isso, tendemos a afirmar uma mudança na variação das preposições *a/para* na indicação de “ponto final/meta”. Em síntese, a preposição *para* parece ser categórica na indicação do papel semântico “meta”, tanto com *sair* quanto com *partir*.

Em (10b), exemplificamos o uso de *sair* com a preposição *por*, cuja significação está associada ao movimento “ponto medial”, conforme Castilho (2010). Assim, temos para o verbo *sair* os três papéis semânticos previstos: “origem”, representado pela preposição *de*, “meio”, representado pela preposição *por*, e meta, representado pela preposição *para*.

Além desses usos, encontramos dez ocorrências de *sair* com a preposição *em*, conforme (10c). Sobre esse uso, é importante retomar as palavras de Dias (1970), que informa que, para os verbos *sair* e *ir*, este tipo de sintaxe já ocorria no português arcaico médio e o emprego dessa preposição é uma continuação da preposição latina *in* com acusativo do latim clássico. Com a passagem das flexões de casos latinos para preposições na evolução do Latim para o Português, temos *ad* e *in* (que regiam o acusativo) e também *in* (que regia o ablativo), o que leva a preposição *em* a ser usadas com certos verbos na indicação de movimento.

Considerando a representação proposta por Lehmann (1992), percebemos que uma preposição com o sentido estático, como a preposição *em* (conforme Quadro 2), passa a ter caráter dinâmico em função do verbo que a seleciona, como o verbo de movimento *sair*, o que justifica o uso dessa preposição associada a verbos de movimento.

Assim, na comunidade de fala do interior paulista, a representação dos relatores locais (preposições) de complemento do verbo *sair* mobiliza categorias cognitivas de espaço que resultam dos sentidos básicos das preposições selecionadas: origem (ablativo), sentido dado pela preposição *de*; percurso/contato (perlativo), sentido dado pela preposição *por*; percurso/meta (alativo), sentido dado pela preposição *para* e inerente/contato (essivo), sentido dado pela preposição *em*.

Diferentemente de Oliveira (2002), que apresentou como variantes do verbo *sair* as preposições *a*, *em* e *para*, tendemos a afirmar que os usos dessas preposições associados a esse verbo não representam casos de variação, uma vez que cada preposição possui uma significação bastante clara.

Ainda sobre as preposições associadas ao verbo *sair*, encontramos o uso de *para* em construção [V(*sair*) *para* V(infinitivo)], representada pela ocorrência (10d-e). Já evidenciamos este tipo de uso associado ao verbo *levar*, em que a preposição *para* passa a complementar novos constituintes sintáticos, nesse caso, verbos infinitivos: é o que parece ocorrer também com o verbo *sair*, ou seja, a presente preposição *para* passa a ter seu significado semântico desbotado através do processo de *bleaching*; passa a integrar um paradigma maior de significados, e por sua vez, de funções.

Com outro verbo analisado, **voltar**, encontramos os usos das preposições *de*, *a*, *para* e *em*, conforme (11a-d), com um total de 83 ocorrências.

(11)

- (a) *pra mim voltá(r)... de Porto Velho eu fui pa Manaus...* [AC-119; NE: L. 27-28]
- (b) *Depois domingo nós voltô::(u)... na igreja de novo pa rezá(r)* [AC-061; NE: L.75-76]
- (c) *...saiu daqui... escreven(d)o o nome dela... ela voltô(u) pra Rio Preto novamente... largô(u) o marido* [AC-086; RO: L. 677-678]
- (d) *... marcan(d)o de quanto tempo tinha a contração... e voltá(r) ao consultório dele uma hora... aí quando....* [AC-78; RO: L. 677-678]

Também com *voltar*, o uso da preposição *de* (oito ocorrências) presta-se à indicação de “fonte/origem”. As demais preposições, *a/para/em*, são usadas na indicação de “ponto final de uma trajetória”, conforme (11d-b), podendo assim, ser considerados usos variantes, resultado que confirma os achados de Assis (2009), que caracterizou, para o verbo *voltar* na fala baiana, o processo de variação no uso das preposições *para* (62%) e *em* (38%), com a diferença de que, na fala do interior paulista, prevalece, para esse verbo, o uso da preposição *para*, com uma frequência de 68,7% no *corpus* investigado.

Ainda, investigamos os usos das preposições associadas aos verbos de movimento ***chegar e ir*** conforme exemplos em (12), em que encontramos os usos das preposições *a*, *para* e *em*, na indicação de “ponto final de uma trajetória”, o que é fartamente documentado por outros estudos e em outras comunidades de fala do PB.

De acordo com Módolo et al. (2011) e Oliveira (2002), o verbo *chegar*, por ser um verbo apresentativo, como *aparecer* e *comparecer*, pode favorecer o uso da preposição *em*.

(12)

- ...minha cunha::da... minha mãe e eu... a::i:: **chegamo(s) em Noronha pista pequena tudo...**
- (a) *mui-to se-co.* [AC-051; DE: L.219-220]
- (b) *...já tinha uma reunião marcada e que ela::... tinha **chegado pra reunião...** e aí ela contô(u) que:: o secretário...* [AC-088; NR: L.185-186]
- (c) *.... . ela::... falô(u) que a hora que ela **chegô::(u) à:: a:: uma cidade aqui perto assim ela:: vi...*** [AC-087; NR: L. 161-162]
- (d) *.... no o(u)tro di::a... eu meu::... pai e meu irmão **fomos à::... à avenida Liberdade::de...*** [AC-013; NE: L. 9-10]
- (e) ***fui na PRAIA** aqui num tem pra::ia...* [AC-012; NE: L. 38-39]
- (f) *aí ele pegô(u) ônibus e **foi pra Atiba::ia... foi po pai de::le...** aí cheguei...* [AC-022; NE: L. 90]

Após exibirmos a sistematicidade das preposições que complementam verbos de movimento (*caminhar*, *chegar*, *entrar*, *ir*, *levar*, *mudar*, *partir*, *sair*, *voltar*), na fala

semiespontânea do PB, passamos a apresentar, na sequência, aplicamos a abordagem tipológica e conceptual de Lehmann (1992) aos resultados alcançados para o PB, buscando evidenciar um quadro conceptual para as preposições que complementam os verbos de movimento.

3. Relatores locais, as preposições, no português brasileiro

Considerando a abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992), conforme resenhamos em nossa primeira seção, buscamos, na sequência, articular os resultados da amostra *Iboruna* e interpretá-los a partir dessa proposta. Assim, após evidenciarmos a sistematicidade dos usos das preposições no *corpus* de fala rio-pretense, resumimos esse panorama das ocorrências segundo o verbo de movimento, conforme exposto no quadro (5).

Verbo	Preposições
Caminhar	<i>até / em / para / por</i>
Chegar	<i>a / até / de / em / para</i>
Entrar	<i>em / para / por</i>
Ir	<i>a / até / em / para / por</i>
Levar	<i>a / até / em / para</i>
Mudar	<i>para</i>
Partir	<i>para</i>
Sair	<i>de / em / para / por</i>
Voltar	<i>a / de / em / para</i>

Quadro 5 - Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra *Iboruna*

Primeiramente, para representar as relações espaciais, as preposições mobilizam as categorias cognitivas de regiões espaciais, que resultam dos seus sentidos básicos. Dessa forma, temos para as preposições *a*, *de*, *em*, *para* e *por*, no PB, os seguintes sentidos bases:

- Preposição *a/para*: categoria cognitiva contato, que implica a ideia de “em direção a x”;
- Preposição *por*: “passar por x”;
- Preposição *em*: “estar em x”;
- Preposição *de*: “vem de x”.

Tomando em conta a teoria apresentada em Lehmann (1992) e sumariada na primeira seção conforme o autor, o relator é uma característica de um idioma local e exprime uma relação local entre o objeto localizado e o objeto de referência/ponto de referência. Assim, em PB, defendemos que as preposições expressam as relações locais, e os verbos exigem que o objeto localizado tenha uma relação com o objeto de referência/ponto de referência. Assim, considerando as relações locais (Quadro 2) e os traços bidimensionais apresentados no quadro 3, conforme sugere Lehmann (1992), podemos propor, para o PB, o quadro (6) para tratar das preposições *a*, *de*, *em*, *para* e *por*, a saber.

Dinamicidade			
Estático	Dinâmico		
Essivo	Locativa		
	Orientação		
<i>Em</i>	<i>a /para/até</i>	<i>de</i>	<i>por/pela</i>
Relações locais	Alativo	Ablativo	Perlatoivo
Inerente / interior	Contato	Origem	Contato / vizinhança

Quadro 6 – Relatores locais (preposições) de complementos de verbos de movimento no português brasileiro

No quadro acima, temos, primeiramente, a representação de uma situação local, que combina uma relação que existe entre o local da situação e o objeto de referência, neste caso, dada por um relator. Como os verbos de movimento exigem um objeto localizado que apresenta uma relação com o ponto de referência, ocorrem as preposições, e, por sua vez, as relações locais (*essivo*, *alativo*, *ablatoivo* e *perlatoivo*), conforme a representação, em amarelo. Também se inserem, nesta representação, os parâmetros de dinamicidade, em termos de ser *estático* ou *dinâmico*, o que habilita um verbo de movimento a corroborar o uso de uma preposição *estática*, por exemplo, a preposição *em*. Além disso, na utilização de um objeto de referência (ponto de referência/local), este espaço carrega propriedades espaciais desse objeto, e, como consequência, seu entorno imediato, dados pelas regiões espaciais, por exemplo, interioridade, contato, origem, entre outras.

Assim, as preposições possuem um sentido prototípico de base, e os demais sentidos são derivados por processos pragmáticos; dessa forma, para representar esses significados extraídos das preposições que complementam os verbos de movimento e suas relações, propomos o quadro (7). Avaliando os significados a partir dos resultados encontrados para as preposições que analisamos, além dos significados previstos, ou seja, prototípicos, encontramos o desenvolvimento de significados mais abstratos, os quais denominamos, aqui, de “inespecífico”.

		Essivo	Alativo	Ablativo	Perlatoivo
Inespecífico		<i>Em</i>	<i>a/para</i>	<i>de</i>	
Contato	Topologia	<i>Em</i>	<i>a/para</i>		<i>por</i>
Inerente/interior		<i>Em</i>			

Quadro 7 - Relações locais no português brasileiro

Com isso, os desenvolvimentos de novos significados da preposição *para*, como vimos na seção anterior, são representados nesta visão, pois, originalmente a preposição *para*, que pressupõe na sua significação um ponto de referência “meta”, passa a admitir outros tipos de complementos locativos mais abstratos, ou seja, quanto maior o processo de desbotamento semântico, maior o seu grau de gramaticalização, e, por consequência, seu significado passa a depender mais do contexto pragmático.

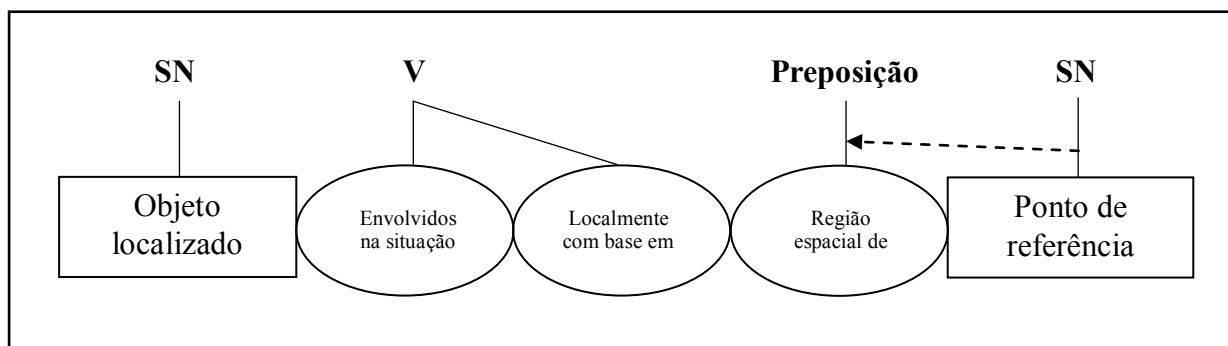
Já a preposição *em* pode ser caracterizada como a forma não-marcada na indicação do papel semântico “lugar” no PB, e por meio de inferência pragmática, deduzimos esse sentido. Conforme Ferrari (1997, p. 121), “quando ouvimos emissões do tipo ‘O livro está na mesa’ ou

‘O quadro está na parede’, inferimos que o livro está em cima da mesa e que o quadro está na superfície da parede, dado nosso conhecimento pragmático”.

Assim, podemos propor a seguinte noção: o significado básico da preposição *em* é locativo; no nível sintático, expressa uma relação essiva, a qual representa o significado dinâmico dado pelo verbo *ir*. Já o significado genérico da preposição *em* relaciona-se com as regiões espaciais, por exemplo, interioridade, que pode ser recuperado diacronicamente. Outros sentidos podem emergir como sentidos inespecíficos.

Os valores dos componentes conceituais (esquema 1) são marcados por diferentes estratégias por um idioma específico. Sobre isso, Lehmann (1992, p. 5) teoriza que, em resumo, as línguas podem diferir na simbolização de uma situação local em relação aos seguintes aspectos: “1) Os componentes conceituais podem ser implementados em categorias gramaticais em graus variados; 2) Os componentes conceituais podem ser agrupados em estruturas sintáticas diferentes e combinados em unidades”¹¹. Sobre isso, Lehmann (1992) demonstra, na realização de trabalho comparativo de diferentes línguas, que, por exemplo, na língua Avaré, há uma relação icônica um-para-um com a representação sintática das representações conceituais, processo diferente na língua alemã, que faz uso das relações espaciais para descrever a combinação de casos e preposições.

Assim, considerando os componentes conceituais universais propostos por Lehmann (1992), sugerimos a seguinte representação para a língua portuguesa, conforme o esquema.



Esquema 1 – Componentes conceituais da língua portuguesa

A leitura desse esquema é a seguinte: no PB, as preposições desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência. Com verbos que exigem um objeto localizado, que apresenta uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlativo), ocorrem as preposições.

Conforme já antecipamos, para Lehmann (1991), primeiramente, há uma situação nuclear, definida por um verbo. Após os parâmetros da dinamicidade, a situação definida pelo núcleo e toda a dinamicidade são avaliadas em termos de ser *estática* ou *dinâmica*. Além disso, a situação nuclear, conforme Lehmann (1992), inclui um núcleo e seus participantes, e

¹¹ Cf. original: “1. Die begrifflichen Komponenten können in unterschiedlichen Maße in grammatische Kategorien umgesetzt. 2. Die begrifflichen Komponenten können in der syntagmatischen Struktur verschieden gruppiert und zu Einheiten zusammengefaßt werden”.

a situação local é aquela que está conceitualmente ligada ao local, representada no espaço (localmente com base em).

O espaço definido pelas propriedades espaciais de um objeto, mais notadamente o objeto de referência (ponto de referência), e como consequência, seu entorno imediato, é determinado pelas regiões (topológica, dimensional).

Aqui ainda, a partir dos resultados desta pesquisa e da análise de Wiedemer (2008, 2013) sobre a atuação da configuração do ponto de referência, defendemos que a seleção das preposições que complementam os verbos de movimento pode sofrer influência do significado do ponto de referência. Dessa forma, temos a influência de dois processos: o sintático e o pragmático, este com maior atuação na adjunção, e aquele na complementação. Esse pensamento abaliza a hipótese apresentada por Ilari *et. al.* (2008), em que os autores tratam o fenômeno de uso das preposições a partir dessas duas determinações.

Dessa forma, um verbo pode selecionar uma ou mais preposições, que podem estar em processo de variação/mudança, e a seleção de determinada preposição pode se dar em função da carga semântica exercida pelo ponto de referência. Em resumo: o ponto de referência atua na seleção de determinada preposição, principalmente, na resolução de ambiguidades, por exemplo, *para* e *em*.

Para salientar a ideia da influência do ponto de referência na seleção de preposições de complemento de verbos de movimento, retomamos o pensamento de Herskovits (2004) a propósito da influência das características dos objetos na seleção das preposições, e salientamos que tanto os aspectos formais do objeto, quanto aos fatores contextuais estão relacionados à codificação das preposições. Para o autor, tomar como parâmetro o significado nuclear das preposições que codificam noções espaciais não é suficiente para determinar suas condições de uso, mesmo porque tais significados estão sujeitos a transformações de acordo com os contextos. Para tanto, faz-se necessário um processo de mediação entre significados e condições de usos envolvidos no processo. A produção e a interpretação das preposições espaciais variam, portanto, consoante às características dos objetos e fatores contextuais.

Com isso, contrariamente ao que estamos há muito acostumados a ouvir, que o verbo exige o uso de determinada preposição, os resultados demonstrados apontam que há uma relação entre o tipo de complemento com dado verbo, e, por sua vez, o tipo de complemento/ponto de referência condiciona a escolha de determinada preposição.

Conforme demonstramos, as preposições designam exclusivamente relações especiais, e a relação local, em vez disso, está implícita na valência semântica e sintática do verbo. Além disso, apresentamos um quadro conceptual das diferenças de significados das preposições a partir dos apontamentos de Lehmann (1992), e demonstramos que, nos casos mais simples, existe uma relação regular entre o significado básico e o significado genérico. A comprovação da contribuição semântica do verbo ou da preposição pode ser mostrada por meio da seguinte interpretação, por exemplo, da preposição *em*:

- (i) a preposição *em* sempre indica “local onde”, e, nesse caso, o sentido de movimento direcionado fica a cargo do verbo (*ir na praia vs. ficar na praia*);
- (ii) se o verbo não tem o sentido de movimento direcionado, por exemplo, *caminhar*, o complemento com *em* indica apenas “local” (*caminhar na praia*). Já para obter o sentido de direção é necessário o uso das preposições *para* ou *até* (*caminhar para/até a praia*), com ou sem a leitura de “término final do movimento”.

Assim, as preposições do PB combinam dois componentes de significados: um que designa certa região espacial e outro que determina o objeto de referência (em alguns exemplos, de proximidade, em outros, de interioridade).

Considerações finais

Conforme apresentado, os contextos de usos das preposições que complementam os verbos de movimento (*caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*) na fala semi-espontânea do PB, provenientes do Banco de dados *Iboruna* do Projeto ALIP, permitiram-nos desenvolver um quadro conceptual de tais diferenças, a partir da abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992).

Os resultados confirmam que essas preposições designam exclusivamente relações espaciais, e a relação local, em vez disso, está implícita na valência semântica e sintática do verbo. As diferenças de significados nos usos das preposições decorrem de uma relação regular entre um significado básico e um significado genérico e do aumento gradual da pragmatização (inferência) e abstratização (estratégias metafóricas) no uso dessas preposições.

Destarte, as diferenças de sentido das preposições são resultado da interação de fatores associados com a semântica desses itens e de outros elementos, como: a) significado do ponto de referência; b) estrutura interna da predicação; c) contexto mais amplo em que elas ocorrem.

Por fim, demonstramos que a mudança semântica envolvida na gramaticalização das preposições é geralmente uma extensão de significado muito regular: o significado básico de uma expressão é o ponto de partida do seu desenvolvimento semântico, enquanto o significado genérico é o resultado, nos moldes de Jakobson (1936).

For a conceptual overview of prepositions that complement motion verbs in Brazilian Portuguese

ABSTRACT: Considering the typological and conceptual approach proposed by Lehmann (1992), we investigate the systematicity of the prepositions that complement verbs of motion (*caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*), in semi-spontaneous speech of Brazilian Portuguese. The corpus derived from records of face-to-face interaction, constituting inquiries between documenter and speaker, which integrate the Bank Data Project Iboruna ALIP (Sample Language of inward São Paulo state). The results demonstrate that the semantic change involved in the grammaticalization of prepositions, which complement verbs of motion in PB, is generally a very regular extension of meaning.

Keywords: Prepositions. Verbs of motion. Brazilian Portuguese.

Referências

ARAÚJO, P. J. O. *Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições “em” e “para” na fala de comunidades quilombolas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Alternância no uso das preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas: análise sob a perspectiva da linguística cognitiva. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 335-346, 2009.

ASSIS, T. S. B. A atuação das variáveis linguísticas na regência de verbos de movimento no português afro-brasileiro. *Papia 19*, p. 39-49, 2009.

- AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Gramática básica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1966.
- BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 28. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983 [1999].
- BERLINCK, R. de A. *Complementos preposicionados: variação e mudança no português brasileiro*. Conferência proferida no Congresso Internacional “500 anos da Língua Portuguesa no Brasil”. Universidade de Évora. Évora, Portugal. 2000.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.
- DIAS, A. E. da S. *Sintaxe histórica do português*. Lisboa: Clássica, 1970.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part. 2: Complex and Derived Constructions. 2. ed. rev. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 1997.
- EVANS, V.; TYLER, A. Applying cognitive linguistics to pedagogical grammar: The English prepositions of verticality. *Revista brasileira de linguística aplicada*, 5(2), p. 11-42, 2005.
- FARIAS, J. G. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 41, n.1, p. 213-234, 2006.
- FERRARI, L. V. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. *Revista da ANPOLL*, n. 3, p. 121-133, 1997.
- GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo: relatório científico final à FAPESP*. São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2007.
- HERSKOVITS, A. *On the spacial uses of prepositions*. Stanford University, p. 1-5, 2004.
- HOPPER, P. J. On some Principles of Grammaticalization. In: HOPPER, P. J. *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam /Philadelphian: John Benjamin’s Publishing Company, p. 17-35, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. et al. A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. II: Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008, p. 623-808.

JAKOBSON, R. Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre. Gesamtbedeutungen der russischen Kasus. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 6, (Reproduzido por HAMP, E. P.; HOUSEHOLDER, F. W.; AUSTERLITZ, R. (eds.) *Readings in linguistics II*. Chicago e London: Chicago University Press, 1966, p. 51-89, 1936.

KEWITZ, V. *A gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 2007.

LANGACKER, R. W. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LEHMANN, C. Predicate classes and participation. In: SEILER, H.; PREMPER, W. (Eds.) *Partizipation: Das sprachliche Erfassen von Sachverhalten*. Tübingen: G. Narr (Lus, 6), p. 183-239, 1991.

_____. Yukatekische locale Relatoren in typologischer Perspektive. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung* 45, Berlim-Alemanha, p. 626-641, 1992.

_____. *Thoughts on grammaticalization*. 2nd. revised edition. Erfurt: University of Erfurt, 2002. Disponível em: <http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/ASSidUe/ASSidUe09.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2008.

LIMA-HERNANDES, M. C. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: LIMA-HERNANDES, M. C. *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.

MÓDOLO, M. et al. A variação na regência dos verbos “ir” e “chegar” com sentido de direção. *Ciências Humanas e Sociais em Revista Sociopédica*, v. 33, n. 1 janeiro/junho, p. 43-55, 2011.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, M. *Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição “a”*. Texto apresentado no V Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro. Ouro Preto, outubro de 2002. (mimeo).

POGGIO, R. M. G. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Bahia: EDUFBA, 2002.

POTTIER, B. *Systématique des éléments de relation: étude de morphosyntaxe romane*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1962.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SALOMÃO, M. *Polysemy, Aspect and Modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística). Graduate Division of the University of California at Berkeley, 1990.

SWEETSER, E. *From etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. *Towards a Cognitive Semantics – vol. I e II*. Cambridge/London: MIT Press, 2000.

VIERA, M. J. B. Variação das preposições em verbos de movimento. *Revista SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v.12, n.1, p. 423-445, 2009.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. *Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro*. 2013. 250p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. UNESP-São José do Rio Preto, 2013.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 27/02/2015

Data de publicação: 23/04/2015